O Jornal Económico

ESPECIAL

# Seguros de Crédito à Exportação

## NEGÓCIOS ESTÃO A RECUPERAR E AS GARANTIAS CRESCEM PARA VALORES PRÉ-PANDEMIA

A incerteza na economia mundial provocada pela pandemia levou a valores historicamente baixos a nível de sinistralidade, mas a retoma está forte e a concessão de garantias para 2022 irá atingir os valores pré-Covid. Como grandes constrangimentos temos a inflação e a subida de juro que reduzirá as margens das empresas, aumentará os custos de produção e criará stresse na tesouraria.

ANÁLISE

**Economias estão a recuperar mas o crescimento será divergente** P2

ENTREVISTA

**Maria Celeste Hagatong**
Presidente do Conselho de Administração da COSEC

***"Seguradoras nacionais prejudicadas com nova regulação"*** P4

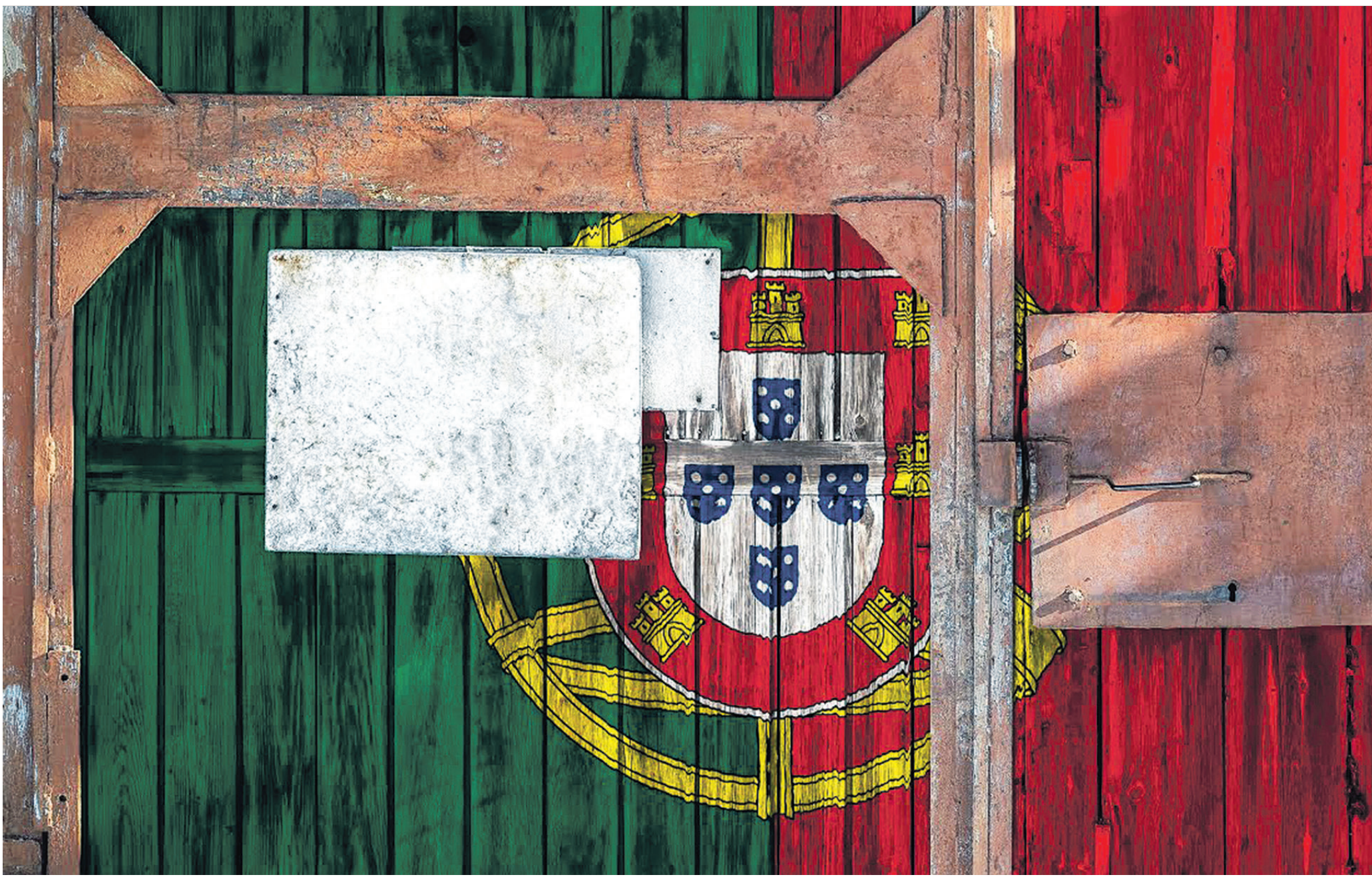
ECONOMIA

**Exportações já em níveis acima pré-Covid sofrerão com Ucrânia** P6

FÓRUM

**Quais os constrangimentos que poderão afetar os seguro de crédito** P8

# Especial Seguros de Crédito à Exportação



ANÁLISE

# Economias estão a recuperar mas o crescimento será divergente

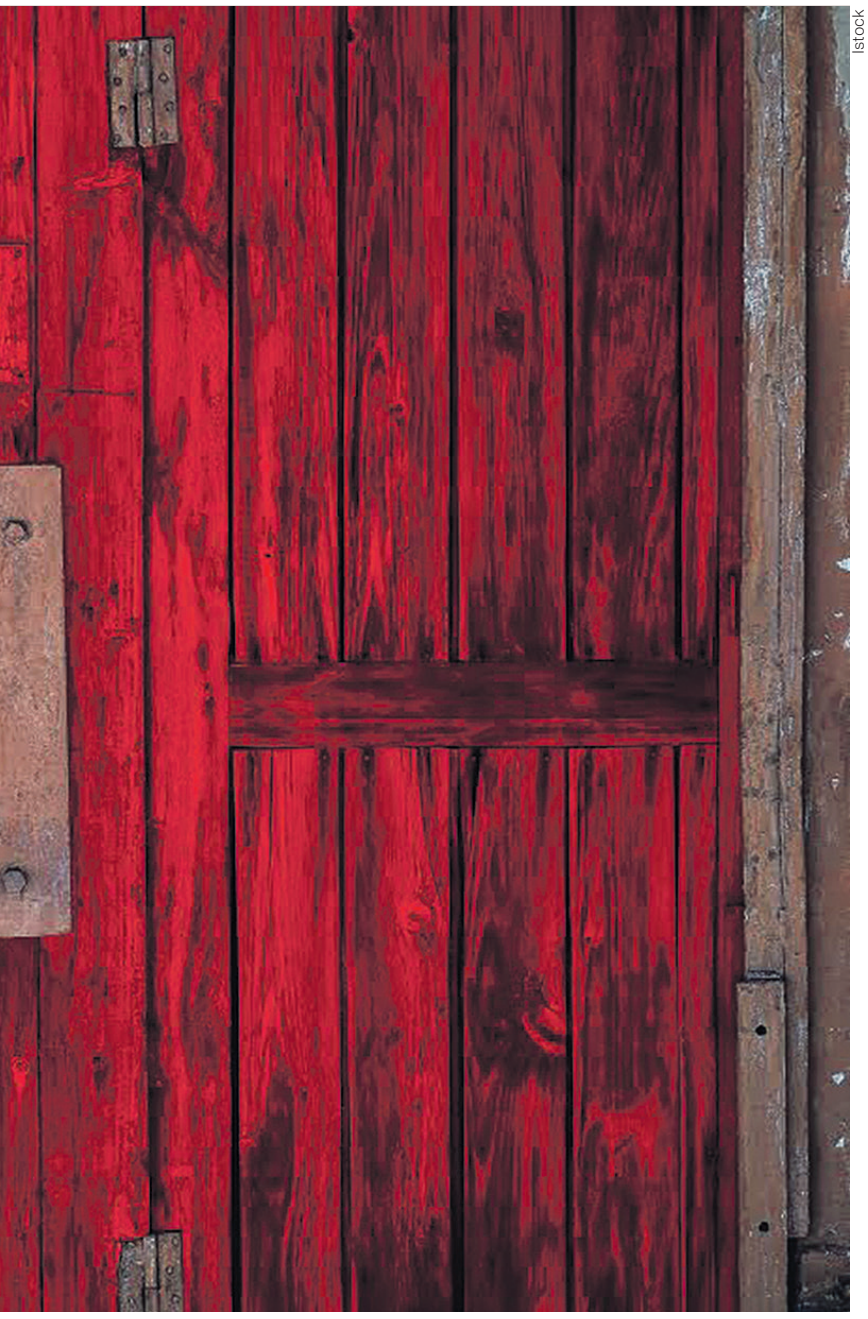
Temos o mercado mundial a recuperar globalmente e esse é o fator crítico para o crescimento dos seguros de crédito. Mas, nem todas as regiões crescem da mesma forma.

VÍTOR NORINHA
vnorinha@jornaleconomico.pt

O crescimento da economia mundial não afasta os problemas decorrentes da pandemia e aqui falamos das cadeias de abastecimento e da inflação, que deverá levar – possivelmente no final deste ano – o Banco Central Europeu a subir taxas de juro e a normalizar a política monetária. Os dados que dispomos sobre risco-país são da responsabilidade do segurador francês Coface e foram compilados pelo economista da mesma empresa que segue os mercados da Europa Ocidental, incluindo ibéria, Bruno de Moura Fernandes. Os dados relativos ao 3º trimestre de 2021 mantinham o rating do país em A2, o que significa risco baixo, um nível idêntico ao de Espanha e Reino Unido e inferior ao de França e de Itália. Os países ocidentais e da América do Norte estão no melhor nível, ou seja, risco muito baixo ou baixo, enquanto países da América do Sul e de África - com quem Portugal mantém tradicionalmente relações económicas fortes - tem risco de crédito elevado ou muito elevado. Adianta, por seu lado, um trabalho da seguradora Crédito y Caución que o comércio mundial já estava nos níveis de pré-pandemia em 2021. No seu outlook divulgado no final e janeiro passado, a seguradora afirmou que o crescimento mundial em 2021 se situou entre os 8% e os 10%, devendo perder força em 2022 para um crescimento global entre os 5% e os 6% e para os 3% a 4% em 2023. Referem os analistas neste relatório que se assistirá a um "regresso a um padrão de crescimento normal, no qual o crescimento do comércio mundial estará mais ou menos a par com o crescimento do PIB, contrapondo-se às oscilações do dobro do PIB observadas em 2020 e 2021". É realçado no mesmo documento a evolução desigual do comércio global de bens e de serviços, sendo que o primeiro recuperou com força "graças à forte procura de veículos automóveis, produtos eletrónicos e artigos de exterior". Em contraste, o comércio de serviços "está a recuperar lentamente, sob o peso das restrições ainda vigentes" devido à pandemia. Como sabemos é bem possível que este conjunto de restrições termina até final deste 1º trimestre. Dados de janeiro indicavam que o sector dos serviços está globalmente 5% abaixo dos níveis registados em 2019 mas está 47% abaixo do nível de há dois anos no sector do turismo.

**Crescimento divergentes**

O mercado mundial tem reagido de forma diferente aos constrangimentos do comércio decorrentes da pandemia. Refere-se no outlook da Crédito y Caución (CyC) que "o crescimento do comércio da China abrandou devido ao impacto do nível pouco habitual de trocas comerciais registado em 2020. Em contraste, refere o mesmo documento, "o resto da Ásia emergente apresenta crescimentos acima da média mundial, vinculados ao seu papel de desta-


Istock

que na fabricação de bens". Por seu lado, regista-se o crescimento da economia dos EUA devido ao pacote de estímulos, enquanto a União Europeia tem um nível de recuperação idêntica à média mundial. A perda do impulso a nível de trocas comerciais é também visível na América Latina, alerta a CyC, e que adianta não antecipar a dissipação dos constrangimentos antes de 2023. Durante o corrente ano "será necessário tempo para ampliar a capacidade no transporte marítimo e nos semicondutores".

Na mesma linha de pensamento está Bruno e Moura Fernandes, o head of macroeconomic research da Coface. Questionado sobre os constrangimentos das economias para onde Portugal exporta, afirma que "os efeitos diretos da pandemia nas economias estão a tornar-se menos significativos a cada onda adicional, embora as consequências continuem a ser particularmente negativas para sectores diretamente afetados, tais como os transportes aéreos, turismo, hotéis e restaurantes". Adiantou que "no entanto, esta nova onda exacerbou um dos principais fatores que afetam a recuperação global: as ruturas da cadeia de abastecimento. O outro grande risco, o deslizamento duradouro da inflação, está também a tornar-se cada vez mais significativo, especialmente à medida que a subida dos preços das mercadorias, alimentada pela inércia de curto prazo da oferta e pelas tensões geopolíticas, não terminou e está a fazer-se ao longo do tempo. Ainda sustentada pelos preços da energia, a inflação está agora firmemente enraizada nos preços dos bens manufaturados na Europa, à medida que as empresas transferem os aumentos dos custos de produção para os preços ao consumidor. Surpreendido com o recente aumento da inflação, o FED deu a entender que uma subida das taxas de juro está iminente, com mais para vir ao longo do ano, provocando um aperto monetário em alguns países emergentes (em particular na América Latina) - especialmente aqueles que enfrentam pressões descendentes sobre a sua taxa de câmbio e necessidades significativas de financiamento externo".

**(Para Portugal) é esperada a recuperação do turismo ao longo do ano, em paralelo com a estabilização da situação sanitária, enquanto a indústria transformadora e construção civil vão continuar a sofrer com as questões do abastecimento**

Ainda sobre Portugal é interessante realçar o que foi escrito numa nota da seguradora Coface sobre os resultados eleitorais com maioria absoluta do Partido Socialista. Referem os analistas que até ao final de 2021, e em contraste com a Eurozona, o turismo (que representa 17% do PIB e 50% dos bens e serviços exportados em 2019) ainda não tinha recuperado para o nível pré-pandémico, muito embora o crescimento do último trimestre do ano tenha sido sólido, mais 1,6% QoQ. E acrescenta a mesma nota que enquanto é esperada a recuperação do turismo ao longo do ano, em paralelo com a estabilização da situação sanitária, a indústria transformadora e construção civil vão continuar a sofrer com as questões do abastecimento, a par das atividades limitadas no sector automóvel (representou 15% dos bens exportados em 2019) devido às disrupções na cadeia de abastecimentos.

E o que se diz sobre alguns países relevantes nas exportações nacionais. Acerca do Brasil a CyC escreve que a economia deste país enfrentará um círculo vicioso em 2022. Espera novas subidas de juros e adverte para o impacto da falta de reformas e de consolidação fiscal nas finanças públicas. Avança a seguradora que é de esperar novas subidas (dos juros) nos próximos meses, "podendo elevar a taxa básica de juros, a Selic, para mais de 10% em 2022". Recorde-se que a Selic caiu para um mínimo de 2% em 2020, mas o nível de inflação a subir obrigou à inversão desta política. Os analistas realçam a perda de credibilidade da consolidação fiscal iniciada em 2016 no Brasil e isto porque o impacto da declaração do Estado de Calamidade no país para fazer face à pandemia fez subir o défice público para 9,4%. O relatório da seguradora diz ainda que "para situar o rácio da dívida numa trajetória descendente, o Brasil necessitaria de reformas fiscais, como a melhoria do complicadíssimo sistema fiscal e a redução obrigatória da despesa pública, em particular a elevada massa salarial, que se situa em quase 14% do PIB, muito acima da média dos mercados emergentes que é de 9%". E na zona euro as recuperações serão diferentes. É assumido que o aumento da componente energética da inflação está ligado à subida dos preços do gás natural, da eletricidade e do petróleo. E foram as interrupções a nível da logística que afetaram a cadeia de abastecimentos e levaram à subida de preços dos alimentos e serviços. E em termos médios a dívida púbica da Zona Euro aumentou 14 pontos em 2020 para os 97% do PIB, sendo que a Grécia, Portugal, Itália e Espanha "são os mais sensíveis a um possível endurecimento da política monetária". Uma outra região importante para as exportações nacionais é as economias do Golfo que a CyC acredita poderem crescer 5% em média para 2022, e que irão superar outros países do Médio Oriente e Norte de África. ■

PUB

cesce
Seguros do seu sucesso

**Juntos**, o sucesso está assegurado

Na Cesce não vendemos apenas seguros de crédito: **damos segurança à sua empresa.**

Mudámos para lhe oferecer novas formas de proteger, promover e segurar os riscos comerciais do seu negócio, quer seja uma **pequena**, **média ou grande empresa**.

Estaremos ao seu lado protegendo o seu negócio como se fosse o nosso. Com produtos e serviços tecnologicamente inovadores que facilitam a gestão dos créditos comerciais da sua empresa.

Nesta nova etapa, **queremos acompanhá-lo no seu caminho para o sucesso.**

**808 204 205** | **cesceportugal.com**

Descobrir mais:

Compañía Española de Seguros de Crédito a la Exportación, S.A. Compañía de Seguros y Reaseguros (SME) – Sucursal em Portugal (Cesce) I Avenida Duque d'Ávila, 46 – 1.º A, 1050-083 Lisboa I NIPC 980265843 I Capital afeto de €9.200.000 I Código 1159 de registo na ASF, para o exercício em Portugal da sua atividade seguradora no ramo "Não Vida" - Crédito e Caução, representação permanente da sociedade Compañía Española de Seguros de Crédito a la Exportación, S.A. Compañía de Seguros y Reaseguros (SME). A presente informação tem natureza publicitária e não dispensa a consulta da informação pré-contratual e contratual legalmente exigida, não constituindo uma proposta contratual.

**ENTREVISTA | MARIA CELESTE HAGATONG |** Presidente do Conselho de Administração da COSEC

# "Seguradoras nacionais prejudicadas com nova regulação"

Os operadores nacionais de seguros de crédito poderão vir a ser prejudicados perante operadores estrangeiros caso a futura regulação vá além do que se encontra legislado a nível europeu, afirma Celeste Hagatong, presidente do conselho de administração da Cosec.

VÍTOR NORINHA
vnorinha@jornaleconomico.pt

As exigências regulatórias estão a aumentar e serão tanto mais penalizadoras quanto menor for a dimensão da empresa, afirma Celeste Hagatong. Afirma ainda a propósito dos apoios públicos ao sector não ser relevante a manutenção de apoios públicos às empresas para acederem aos seguros de créditos.

**Como está o mercado de seguros de crédito em geral a responder ao crescimento da economia?**

Depois de um ano marcado por um conjunto de fatores com influência menos positiva na atividade de seguro de créditos – e em que o mercado em Portugal contraiu cerca de 7% –, acreditamos que 2022 registará uma evolução positiva, no contexto do crescimento das economias para níveis de pré-pandemia.

As perspetivas atuais apontam nesse sentido. De acordo com a Euler Hermes, um dos acionistas da Cosec, a economia portuguesa deverá crescer 5,1% em 2022, um ponto percentual acima do desempenho estimado para a média da Zona Euro. Espera-se também uma normalização das trocas comerciais, estimando-se que o comércio global cresça 5,4% este ano e 4% em 2023. O Banco de Portugal projeta um crescimento mais otimista, de 5,8% para 2022, mas antecipa um ritmo mais moderado para 2023 (3,1%).

A atividade do nosso sector deverá, assim, ser impulsionada pelas necessidades das empresas de segurarem o crescimento das suas vendas, quer no mercado interno, quer no mercado externo.

Para evidenciar esta realidade, gostaria de referir que, em 2021, a Cosec assumiu um maior apetite de risco de crédito e iniciou um crescimento gradual e contínuo da cobertura de vendas dos clientes, com vista a apoiá-los no crescimento seguro dos seus negócios. De facto, já em finais de 2021 foram atingidos máximos históricos de cobertura de riscos pela companhia, mesmo acima dos que se verificavam antes da pandemia. Assim, a dinâmica da Cosec tem vindo a acompanhar os esforços de retoma das empresas.

**O que é expetável acontecer ao sector com o incremento da inflação e a subida das taxas de juro?**

Têm sido evidentes sinais de que os estrangulamentos de oferta começam a impactar os preços ao consumidor e a atividade económica nacional, com destaque para a indústria transformadora.

A insuficiência de matérias-primas e/ou equipamento na indústria, que nos anos passados era um obstáculo pouco referido, é agora um dos principais obstáculos à produção. A falta de matérias-primas, as dificuldades logísticas e o encarecimento da energia refletem-se no agravamento dos preços da produção industrial, que aceleraram para níveis máximos históricos, refletindo-se paulatinamente no preço de venda do produto final.

A subida generalizada de preços, e consequente impacto no aumento das taxas de juro, afetará de forma negativa a liquidez das empresas, que sentirão a sua tesouraria mais pressionada se não forem capazes de refletir este novo enquadramento nos preços praticados, e poderão começar a ter dificuldades no pagamento dos seus compromissos. Neste contexto de aumento do risco de crédito, coberto pelos nossos produtos, o seguro de créditos é uma solução evidente para acautelar os recebimentos das vendas e mitigar esse aumento de risco.

Adicionalmente, a subida de preços reflete-se nos volumes das transações cobertas, na medida em que, para vender quantidades equivalentes a preços mais elevados, os segurados necessitam de limites de crédito maiores. Espera-se, assim, a continuação do crescimento das necessidades dos segurados, que a COSEC está a acompanhar com rigor e critério.

> **As perspetivas de crescimento sustentado da atividade económica para valores pré-covid e o consequente maior apetite ao risco das seguradoras apontam para uma normalização da atividade do sector**

**Que balanço faz da atividade da Cosec em 2021?**

Apesar de ter sido um ano com um enquadramento adverso, do ponto de vista comercial, as equipas da Cosec fizeram um trabalho extraordinário: mantiveram o foco na melhoria do serviço prestado aos clientes, foi diversificada a linha de produtos e foram disponibilizadas soluções que apoiam as empresas no contexto da crise vivida. A partir de fevereiro de 2021, a Cosec assumiu um maior apetite de risco de crédito e iniciou um crescimento gradual e contínuo da sua exposição, atingindo, como já referi, em dezembro de 2021, valores superiores aos registados antes da pandemia. Este movimento foi aliado a uma estratégia muito forte de proximidade ao mercado e aos nossos segurados.

Creio que um dos aspetos mais positivos foi o facto de a Cosec ter mantido a liderança destacada no mercado de seguro de créditos, com uma quota de mercado de 46%, assegurando também a liderança no mercado de Seguro-Caução, com uma quota de mercado de 43%.

Mesmo num contexto de reduzida perceção de risco de crédito – dado que se viveu e vive ainda uma diminuição sem precedentes da sinistralidade –, conseguimos captar um conjunto considerável de novos clientes, que viram na Cosec o melhor apoio para o desenvolvimento dos seus negócios. Também é de salientar a taxa de retenção de segurados que se manteve em níveis muito elevados. Orgulhamo-nos do elevado número de segurados que veem a Cosec como seu parceiro do presente e do futuro.

Destaco ainda que em 2021 mantiveram-se os instrumentos públicos de apoio aos Seguros de Créditos para mercados da OCDE que foram aprovados na sequência da crise da Covid-19. Ao contrário do que inicialmente estava previsto, estas Linhas de apoio mantiveram-se durante todo o ano de 2021, e foram renovadas até 31 de março 2022 apenas para operações de exportação.

**Que serviços e produtos destaca?**

Na área do seguro de créditos, lançámos o COSEC – Euler Hermes World Program, um produto dirigido a grandes empresas com atividade em duas ou mais geografias. Este produto permite a negociação e contratação de forma centralizada e à escala global dos seguros de créditos para todas as unidades do grupo, incluindo as unidades internacionais, garantindo uma gestão de risco próxima e descentralizada ao nível dos diversos países.

Em 2021, foi também o ano do lançamento das Coberturas Adicionais de Proteção (CAP), que têm como objetivo aumentar de forma fácil, flexível e transparente o nível de proteção do negócio dos segurados Cosec, maximizando a cobertura de riscos extremos. Este produto veio suprir uma lacuna nos apoios estatais, que não enquadravam algumas operações de risco elevado no mercado doméstico e de exportação.

Na área do seguro-caução, lançámos o COSECNET Caução, a plataforma online destinada a solicitar cotações, emitir apólices, tornando o processo de contratação e gestão deste tipo de Seguro ainda mais ágil. Permite também uma visão geral e completa das garantias e plafonds, bem como a gestão das garantias em vigor e solicitação de novas.

A simplicidade e celeridade da plataforma alavancaram a atratividade do produto no mercado e aportaram uma acrescida eficiência interna. Em seis meses de existência, a plataforma é já utilizada ativamente por 95% dos tomadores de seguro caução da Cosec e captou um número significativo de novos clientes.

**A resposta da empresa via teletrabalho no período da pandemia foi ao encontro das necessidades dos clientes?**

Sem dúvida. De resto, outro elemento relevante para diferenciação e sucesso da Cosec prende-se com uma estratégia comercial focada na centralidade e proximidade relativamente aos seus clientes. Em 2021, foram efetuadas mais de oito mil reuniões com os clientes, o que se traduziu num acréscimo de 9% face ao já recorde ano de 2020, onde já se tinha verificado um aumento de 57% relativamente a 2019. Tudo isto foi conseguido em modo de teletrabalho, em que a empresa se manteve praticamente durante todo o ano de 2020 e de 2021.

Os formatos digitais permitiram também a realização de muitas iniciativas de apoio aos clientes, reforçaram-se os eventos "A COSEC mais perto de si", em que se realizaram mais de 200 reuniões para análise e debate de decisões de risco, o dobro das realizadas em 2020. Fizeram-se eventos temáticos, com peritos, sobre assuntos relevantes da atualidade, como foi o caso do webi-

nar dedicado à evolução do sector energético, que contou com mais de 120 presenças e a colaboração de especialistas da Euler Hermes.

**Qual a importância da digitalização na atividade da empresa e como encara a Cosec as ferramentas do marketing digital?**

A Cosec continua a investir na digitalização dos seus produtos e serviços, mas também dos seus processos. Por exemplo, a plataforma COSECInfo, lançada em 2020, permite que a informação económico-financeira e o risco COSEC para o mercado nacional sejam partilhados com segurados e mediadores. Já é usada por mais de 40% do total de segurados, e é uma ferramenta fundamental no seu desenvolvimento de negócio. Outro exemplo, referente ao último ano, é o novo CRM, que implementámos e que é uma ferramenta fundamental para a gestão e acompanhamento da atividade comercial. Esta plataforma tem já um módulo de marketing digital, que desempenhará um papel crescente e muito importante na captação de novo negócio e gestão de clientes.

**Quais as perspetivas para 2022? Faz sentido manter os apoios públicos ao sector?**

Gostaria de tornar claro que estes apoios públicos não foram concedidos ao sector segurador, mas sim às empresas que se viram confrontadas com a falta de resposta das seguradoras de créditos, em virtude do agravamento do risco decorrente da crise gerada pela pandemia. Em relação ao ano de 2022, as perspetivas de crescimento sustentado da atividade económica para valores pré-covid e o consequente maior apetite ao risco das seguradoras apontam para uma normalização da atividade do sector. Neste contexto, e a manter-se o cenário macroeconómico atual, considero que não será relevante a manutenção dos apoios públicos.

**Estamos perante um aumento da regulação nesta indústria. Qual o impacto nas empresas maiores e qual o impacto nos pequenos seguradores e brokers?**

Estamos, de facto, a atravessar um momento em que as exigências regulatórias estão a aumentar. Por um lado, as que decorrem da legislação europeia e nacional que enquadra a atividade seguradora, cuja complexidade e exigência é conhecida. Acrescem requisitos provenientes de outra legislação, com âmbito de aplicação mais alargado, não especialmente destinadas às empresas seguradoras, que têm também que ser considerados. Espera-se ainda que, neste ano de 2022, em que as companhias ultimam o ajustamento dos seus sistemas às normas da IFRS 17, sejam publicadas várias normas regulamentares aplicadas em matérias tão relevantes como o sistema de governo das empresas, ou a conduta de mercado.

As empresas de seguros estão, assim, confrontadas com a necessidade de afetar cada vez mais recursos, humanos e tecnológicos, para ser dada resposta a estas exigências, gerando custos significativos, o que é tanto mais penalizador quanto menor for a dimensão da empresa.

De acordo com os documentos disponibilizados em consulta pública, os normativos em preparação poderão, nalgumas matérias, ir mesmo além do que se encontra legislado ao nível europeu, criando para os operadores portugueses dificuldades acrescidas no confronto com operadores sujeitos a regimes legais e regulamentares menos exigentes.

Tal como estará já a ocorrer no que respeita aos mediadores, o enquadramento legal e regulamentar poderá impedir que os operadores de menor dimensão se mantenham no mercado como entidades jurídicas autónomas, levando a operações de concentração para ser atingida uma dimensão que permita comportar e gerir estes elevados encargos decorrentes de aspetos regulatórios.

**Na qualidade de ECA qual o balanço que faz de 2021 e quais as perspetivas para 2022?**

O ano de 2021 apresenta-se com um balanço positivo no que respeita à ECA (Agência de Crédito à Exportação – COSEC-SCGE), atividade que a Cosec desenvolve desde a sua criação, em 1969, sob mandato legal do Estado Português. É bom sublinhar que a atuação da ECA tem em vista colmatar as falhas de mercado decorrentes da falta de oferta por parte das seguradoras comerciais a atuarem em Portugal. Apesar dos problemas ainda verificados no último ano decorrentes da pandemia e dos atrasos na vacinação, em especial nos mercados emergentes, a procura por parte das empresas portuguesas de soluções de proteção de risco de crédito e de risco político oferecidas pelos seguros de créditos com garantia do Estado mostrou um grande dinamismo.

Na verdade, em 2021 registou-se um aumento de 25% nos montantes assumidos em contratações face a 2020, tendo sido ultrapassado em 1% o nível que se verificou antes da pandemia, em 2019. Esta evolução foi muito influenciada pelo crescimento dos seguros de crédito de curto prazo enquadrados na linha de seguros de créditos fora da OCDE, e também pelo aumento verificado nos seguros caução, com garantia do Estado, relacionados com obras e fornecimentos no exterior adjudicados a empresas portuguesas. Para 2022, a evolução antecipa-se para já positiva face ao pipeline de operações que a COSEC-SCGE tem em estudo e em perspetiva, sobretudo no âmbito de novas obras em África e na América do Sul em que empresas portuguesas se estão a candidatar, e também ao dinamismo que se sente já neste início do ano no que se refere à linha de seguros de crédito para fora da OCDE.

**Como se comportaram os PALOP?**

As coberturas com garantia do Estado na linha de seguros de créditos para fora da OCDE, para o conjunto dos PALOP, têm vindo a ser dirigidas sobretudo para exportações relacionadas com o sector alimentar. Embora Angola continue a ser um mercado de destaque, houve um decréscimo da sua importância no total das novas coberturas em 2021, e de forma genérica em todos os sectores de atividade para este país. Cabo Verde aumentou a sua relevância (mais 12% novas responsabilidades face a 2020), em resultado da cobertura de exportações de medicamentos e produtos farmacêuticos, que aumentou cerca de 40% neste mercado. O maior destaque em 2021 foi, sem dúvida, São Tomé e Príncipe. As novas garantias cresceram 124% face a 2020, tendo a exposição evoluído favoravelmente em todos os sectores de atividade, mas é o sector alimentar o maior impulsionador deste crescimento.

**Quais são os mercados onde fará o enfoque este ano?**

As perspetivas para 2022 no que respeita a produtos de médio e longo prazo e de seguro caução concentram-se em mercados da América Latina – Chile, Equador, Peru –, e em países africanos como a Costa do Marfim, Gana ou África do Sul. Do lado da linha de seguros de créditos para fora da OCDE, não se deve assistir a uma alteração significativa dos mercados procurados pelas empresas portuguesas, nem do tipo de bens cobertos por este produto, assim como quanto ao prazo médio de pagamentos destas operações.

**A atividade de construção e obras públicas no exterior tem sido aproveitada por empresas nacionais. Esse facto resultou num aumento das operações de seguros de caução com garantia do Estado por parte da ECA?**

Sem dúvida. O seguro caução com garantia do Estado português é um produto muito procurado pelas empresas nacionais de construção e obras públicas que desenvolvem obras no exterior, tendo permitido a entrada de algumas destas empresas em novos mercados, nomeadamente na América Latina, mas sobretudo a concretização de contratos que, sem este seguro, não teriam sido prosseguidos. Só em 2021, foram cobertos contratos que representaram 345 milhões de euros, tendo a exposição dos seguros de caução crescido 74% face aos valores assumidos em 2020.

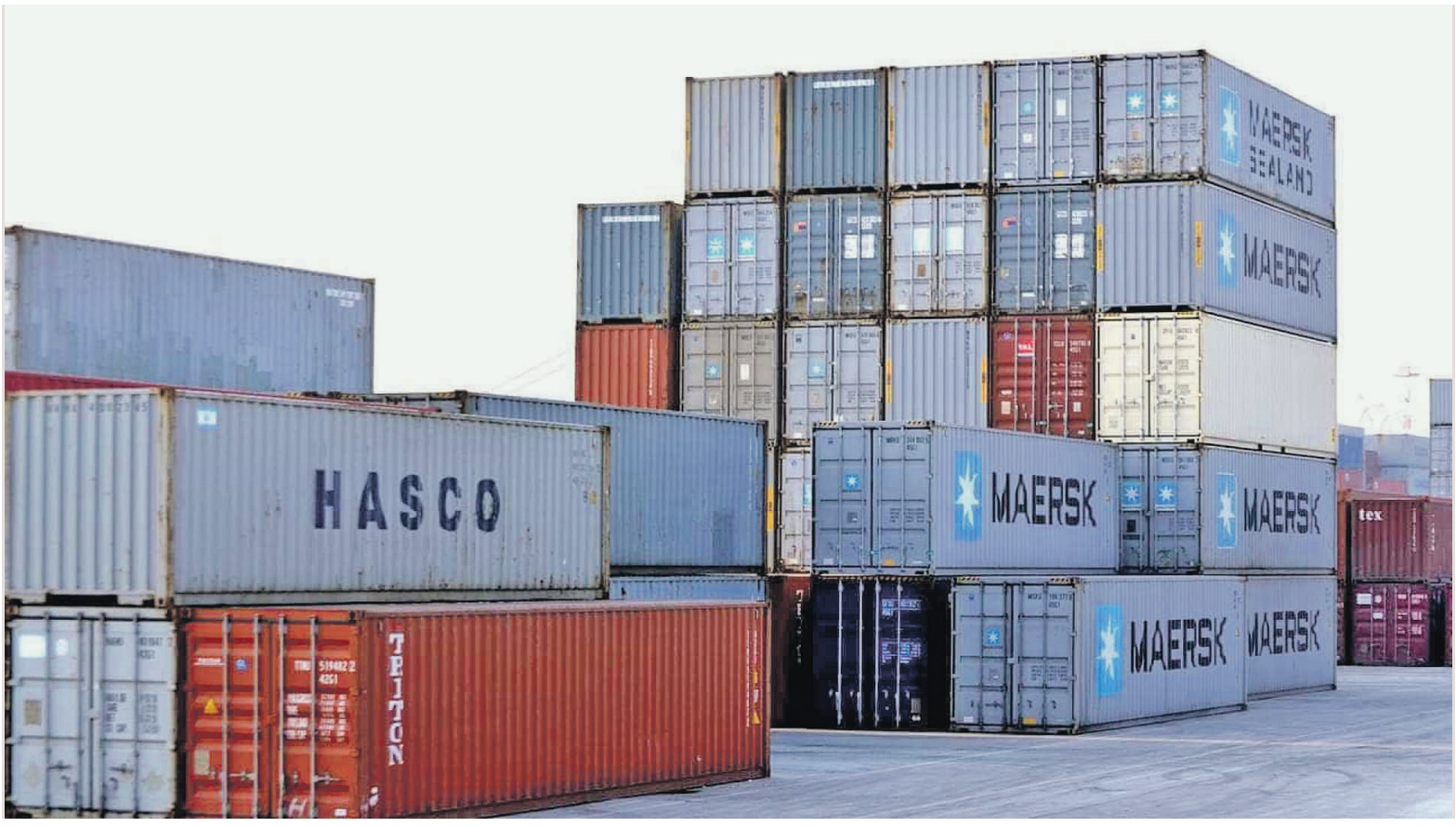
Atualmente, a COSEC-SCGE gere, por conta do Estado português, uma carteira de Seguro Caução de 164 milhões de euros, que potenciaram contratos de construção e obras públicas no valor de 1,5 mil milhões de euros. Estas operações obrigam a uma monotorização permanente do risco por parte da COSEC-SCGE, sobretudo quanto à sua realização física e financeira das adjudicações, tendo em atenção que, na maior parte dos casos, estes contratos desenvolvem-se em mais de um exercício económico.

**Na facilidade de curto prazo para países fora da OCDE, quais foram os países que se destacaram em termos de crescimento, e em que sectores de atividade?**

Durante o ano de 2021, na facilidade de curto prazo, foram cobertas exportações para 75 mercados, destacando-se novas geografias como o Uganda, Benim, Arménia ou Libéria. Em termos de novas coberturas para mercados tradicionalmente cobertos nesta facilidade, há crescimentos expressivos a assinalar no Médio Oriente – Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita e Qatar – e na América do Sul – Uruguai e Peru. São Tomé e Príncipe foi também um mercado onde se registou um aumento relevante das coberturas face a 2020. Nos mercados do Médio Oriente, destacam-se as exportações de bens alimentares, enquanto os sectores do papel e produtos químicos foram determinantes para o crescimento dos mercados da América do Sul.

Em todo o caso, importa salientar que os mercados mais procurados ao abrigo desta facilidade mantêm-se inalterados face a 2020: Marrocos, Angola, Brasil, Cabo Verde e Moçambique, o que evidencia a importância deste instrumento no apoio às exportações para os países de expressão portuguesa.

As exportações potenciadas pelos seguros de crédito emitidos em 2021 ao abrigo da linha de seguros de créditos para fora da OCDE foram de 682,3 milhões de euros, cerca de mais 16% do que em 2020, ano em que se registou um crescimento muito significativo face a 2019 (mais 37%). ■




Lusa

ECONOMIA

# Exportações já em níveis acima pré-Covid sofrerão com Ucrânia

As exportações de bens resistiram mais do que o esperado à Covid, apesar da queda nos serviços, sobretudo no turismo, mas o conflito na Ucrânia irá afetar a economia europeia.

JOÃO BARROS
jbarros@jornaleconomico.pt

Uma das componentes da economia nacional que tem contribuído mais decisivamente para o crescimento verificado nos anos pré-Covid foi o comércio internacional, com o tecido produtivo português a revelar uma capacidade exportadora nova e reforçada depois dos anos da troika, tanto em bens, como em serviços.

O país passou de 42,8 mil milhões de euros exportados em bens no ano de 2011 para 59,9 mil milhões em 2019, a última leitura não afetada pela pandemia, sendo que 2021 registou já um regresso à trajetória de crescimento interrompida pela Covid-19, com as vendas de bens portugueses para o exterior chegaram aos 63 mil milhões de euros.

Por outro lado, a massificação das viagens aéreas internacionais potenciou as características turísticas únicas do país, com este sector a projetar-se como o principal serviço exportado por Portugal. Nesta vertente, as restrições impostas pela pandemia não permitiram ainda a recuperação da atividade, que permanece bastante abaixo do verificado em 2019, particularmente no que diz respeito às dormidas de turistas internacionais. Apesar do crescimento registado neste indicador em 2021, os 9.943 milhões de euros de receitas ficam ainda bastante aquém dos 18.291 mil milhões com que fechou 2019.

Com a reabertura da generalidade das economias ocidentais após os primeiros confinamentos de 2020 e início de 2021, a procura global retomou em força, gerando disrupções nas cadeias logísticas globais que empurraram os preços para cima na Europa e nos EUA. Isto marcou o regresso da inflação, que preocupa agora os bancos centrais, depois de largos períodos marcadamente acomodatícios.

Apesar das preocupações causadas por este aumento de preços, um aumento de preços mais expressivo no resto da zona euro do que em Portugal, como, em parte, se verifica, até pode ser um bom impulso para as exportações portuguesas, explica Pedro Braz Teixeira, economista do gabinete de estudos do Fórum para a Competitividade.

"Seria um aspeto positivo, poderia estar a criar alguma margem de aumento da competitividade", considera, visto que, comparativamente, os preços nacionais se tornariam mais atrativos face aos do resto da Europa. No entanto, visto que um dos principais motores deste aumento é a energia, não se verifica este ganho; na realidade, "as empresas portuguesas ficam com menos margem de manobra" devido ao aumento de custos do qual não se conseguem proteger.

"O problema principal são as perspetivas que se estão a deteriorar na zona euro e na economia global para 2022, de as coisas não estarem tao fortes como se perspetivou há algum tempo. Isso é mau para as exportações nacionais, se a economia europeia não está tão forte", ilustra Pedro Braz Teixeira, acrescentando que "a transmissão da recuperação europeia para a portuguesa está a enfraquecer-se".

Este é um efeito que deverá agravar-se com a guerra na Ucrânia, que envolve o principal fornecedor de gás natural ao mercado europeu, a Rússia. A suspensão da certificação do gasoduto Nord Stream 2, apesar de não afetar o fornecimento atual nem o abastecimento a Portugal, significa uma capacidade futura de abastecimento reduzida e, portanto, um aumento futuro de preços. Isto tornou-se evidente com o disparo de 31% nas cotações futuras de gás natural após a invasão, levando também o barril de Brent a passar os 105 dólares (94,06 euros).

**"Já estávamos atrasados em relação à europa, se esta fraquejar todo este cenário fica prejudicado e adiado", avisa Pedro Braz Teixeira**

"Perspetivava-se que em 2024 a zona euro recuperasse a trajetória antes da pandemia, Portugal só em 2028. Já estávamos atrasados em relação à europa, se esta fraquejar todo este cenário fica prejudicado e adiado", argumenta Braz Teixeira.

As perspetivas para a política monetária europeia vinham apontando para uma subida dos juros em breve, dada a pressão nos preços, mas os possíveis efeitos na atividade económica do conflito na Ucrânia constituem uma nova variável na equação do Banco Central Europeu. Para um país altamente endividado como Portugal, a subida das taxas de juro poderá ser indesejável, mas Braz Teixeira lembra os juros historicamente baixos com que o país se financiou.

"Sendo mais um elemento negativo, não estou a ver neste momento que seja uma questão muito importante. É mais um aspeto negativo, mas falamos de taxas de juro a dez anos à roda de 1%", expõe, falando num efeito "limitado" para o tecido empresarial português, apesar de ser inegável o aumento de custos. ■

## O que muda com a pandemia

Poderão os "cisnes negros" tornar-se brancos? A questão está num artigo da seguradora Crédito y Caution.

VÍTOR NORINHA
vnorinha@jornaleconomico.pt

Uma análise do banco Julius Bar calcula que nos últimos 90 anos ocorreram 27 grandes acontecimentos com efeito disruptivo na economia e na sociedade, sendo que o evento da pandemia de 2020 ainda não está nesta estatística, e claro que também não está a crise Rússia/Ucrânia. Em cada três anos e meio ocorre "algo" que faz mexer e "tremer as economias", refere Miguel Vega no mais recente outlook da seguradora Crédito Y Caution (CyC). Refere ainda que os ingredientes básicos para uma crise financeira são o mar de liquidez, a inovação nos mercados de capitais, o boom nos preços do imobiliário e a liberalização financeira. Felizmente os bancos centrais têm-nos protegido e, refere a mesma fonte, "desde a Europa à China dotaram-se medidas de política fiscal e monetária que têm permitido o crescimento económico".

Este trabalho do segurador espanhol feito antes da crise do leste europeu, cita a gestora Pictet ao afirmar que o mundo desenvolvido pode crescer 3% nos próximos cinco anos, com um impacto positivo nos EUA de 2,2% e na Eurozona de cerca de 1,2%. Refere a economista da gestora Pictet, Luca Paolini, citada no mesmo trabalho da CyC que "a lição a retirar dos últimos acontecimentos políticos e económicos é que uma recessão profunda, mas curta, é menos prejudicial para os mercados versus uma recessão longa". Isto significa que os chamados "cisnes negros", ou seja acontecimentos com forte impacto nas economias quando acontecem, são uma raridade. A CyC relembra que a última grande crise financeira de 2008 deixou "cicatrizes, mas também o caminho aberto a mais de 10 anos de crescimento, o maior período de expansão da história". Relembra ainda que a saída da Grande Depressão de 1929 e da II Guerra Mundial foi feita com políticas keynesianas, ou seja, forte investimento público e desenvolvimento tecnológico com base na tecnologia militar; e lembra ainda que a crise do petróleo dos anos 70 foi debelada com uma política monetária restritiva e com uma nova consciência ambiental a nível da energia.

Tudo isto significa, na ótica dos analistas da CyC, que "as crises só podem ser passageiras". ■

ANÁLISE

# Conflito no leste europeu sentido em todo o mundo

A crise Rússia/Ucrânia, a agudizar-se, terá repercussões mundiais, com destaque para os efeitos na Europa, afirma o responsável de estudos macroeconómicos da Coface, Bruno de Moura Fernandes.

VÍTOR NORINHA
vnorinha@jornaleconomico.pt

Os dois países em conflito, Rússia e Ucrânia, são produtores e exportadores de numerosas mercadorias e os efeitos de um conflito armado no leste europeu "seriam sentidos em todo o mundo", afirma o economista Bruno de Moura Fernandes, responsável pelos estudos macro do segurador de créditos francês Coface. Salienta que o primeiro impacto é ao nível do gás natural: a Rússia vende 83% do total das suas exportações de gás para a Europa, enquanto que a Europa obtém 46% das suas importações de gás da Rússia. Frisa que "qualquer sanção colocaria mais pressão sobre os preços do gás natural. No caso de uma invasão militar na Ucrânia e de danos no gasoduto Yamal, o impacto seria sentido tanto pela Ucrânia como pelos compradores de gás da Europa Central e Oriental (CEE)". A Rússia é também o segundo maior produtor de petróleo do mundo e o segundo maior exportador de petróleo bruto depois da Arábia Saudita. "A Rússia envia 53% das suas exportações de petróleo para a Europa e as sanções teriam impacto em ambos os lados e provocariam um aumento significativo dos preços mundiais do petróleo. Como a Rússia detém cerca de 10% das reservas mundiais de cobre e é o maior produtor de alumínio com uma quota de 6% na produção global, os atuais problemas de abastecimento poderiam ser exacerbados por uma maior tensão nos mercados de metais, especialmente tendo em conta a forte procura". E conclui afirmando que os preços do minério de ferro e do aço " poderiam também aumentar no caso de uma escalada do conflito ucraniano, uma vez que a Ferrexpo, com sede na Ucrânia, é um importante produtor de minério de ferro".

**Bruno de Moura Fernandes**
Responsável pelo Serviço de Estudos Macroeconómicos da Coface

E a nível de constrangimentos das economias, o economista da Coface realça que os efeitos diretos da pandemia nas economias "estão a tornar-se menos significativos a cada onda adicional, embora as consequências continuem a ser particularmente negativas para sectores diretamente afetados, tais como os transportes aéreos, turismo, hotéis e restaurantes". Acrescenta que esta nova onda "exacerbou um dos principais fatores que afetam a recuperação global: As ruturas da cadeia de abastecimento. O outro grande risco, o deslizamento duradouro da inflação, está também a tornar-se cada vez mais significativo, especialmente à medida que a subida dos preços das mercadorias, alimentada pela inércia de curto prazo da oferta e pelas tensões geopolíticas, não terminou e está a fazer-se ao longo do tempo. Ainda sustentada pelos preços da energia, a inflação está agora firmemente enraizada nos preços dos bens manufaturados na Europa, à medida que as empresas transferem os aumentos dos custos de produção para os preços ao consumidor". Adianta que surpreendido com o recente aumento da inflação, o FED deu a entender que uma subida das taxas de juro está iminente, "com mais para vir ao longo do ano, provocando um aperto monetário em alguns países emergentes (em particular na América Latina) - especialmente aqueles que enfrentam pressões descendentes sobre a sua taxa de câmbio e necessidades significativas de financiamento externo". ■

PUB

PUB

Internacionalizar é seguro, segurar é preciso

SEGUROS DE CAUÇÃO

SEGUROS DE CRÉDITO

Somos o parceiro seguro para a sua empresa no mercado globalizado e concorrencial.

Costa Duarte - Corretor de Seguros, S.A., com sede na Avª António Augusto Aguiar, 130 - 4º - 1050-020 Lisboa, com autorização para exercer atividade de distribuição de seguros nos Ramos Vida e Não Vida, inscrito na ASF – Autoridade de Supervisão de Seguros e Fundos de Pensões, com a categoria de Corretor de Seguros, sob o nº 607084984/3, verificável em www.asf.com.pt Duma forma geral, está autorizada a celebrar seguros em nome e por conta de empresas de seguros, mas nunca assume em seu próprio nome a cobertura de riscos, competência exclusiva das empresas de seguros nos termos da legislação aplicável.

COSTA DUARTE
CORRETOR DE SEGUROS
Gerações de Confiança

www.costaduarte.pt

FÓRUM

# Há mais procura de seguros de crédito tanto no mercado externo como no interno

A tendência para o aumento da procura de seguros de crédito vai continuar. Todos os mercados estão em crescimento, avançam os gestores do setor que salientam a relevância de instrumentos perante o aumento dos riscos de incumprimento.

**1. Existem condições para os seguros de crédito à exportação crescerem em 2022? 2. Quais dos seguintes constrangimentos poderão afetar os seguro de crédito: tensões políticas, inflação e subida de juros, quebra nos circuitos de distribuição e alterações climáticas?**
**3. O aumento de regulação neste sector faz sentido?**

**RITA LACERDA**
Diretora Geral da Cesce

**1.** Estamos ainda numa situação de incerteza e muito afetada pela crise pandémica. Mas por outro lado as empresas têm necessidade de procurar novos mercados porque têm que vender mais e equilibrar as suas contas que foram muito afetadas pelas quebras de vendas nos confinamentos. Entrar em novos mercados, vender para outras empresas pela primeira vez ou vender mais para outras empresas mesmo com experiência requer mais informação e garantias que só um seguro de crédito pode dar. Desde o início da pandemia, e dada a perceção de risco, há mais procura do seguro de crédito tanto no mercado externo como no mercado interno. Esta tendência vai continuar no ano de 2022. As empresas precisam do apoio de uma seguradora de crédito, especialista na análise de risco com informação e monotorização das empresas em todo o mundo. O seguro de crédito potencia as vendas das empresas e dá uma garantia para o caso de incumprimento, ressarcindo os prejuízos e desenvolvendo ações de recuperação.

**2.** Temos vindo a verificar vários constrangimentos que afetam as relações comerciais das empresas e a sua situação financeira. Destacava o preço das matérias-primas que está a provocar incumprimentos e insolvências porque as empresas não conseguem repercutir essa subida de preço aos seus clientes ou pelo menos num período de tempo razoável. Há sectores que continuam afetados pela pandemia como o turismo, que não conseguiu retomar os números pré pandémicos. Há empresas que tiveram que sobre endividar-se para passar os maus tempos da pandemia. Por outro lado, verificamos também que os grandes projetos internacionais como projetos petroquímicos ou de grandes obras estão com atrasos acentuados por diversos fatores como problemas logísticos, escassez de matéria-prima, confinamentos por covid, etc. e que impacta também nas pequenas empresas relacionadas com esses projetos, outros fornecedores e subempreiteiros gerando tensões de tesouraria também nessas pequenas empresas. A falta de talento digital, que faz com que empresas com estruturas mais antigas, com menos recursos e menor dimensão, não se adaptem às novas necessidades. Por último, destacava os cada vez mais frequentes ciberataques, que põem muitas vezes em cheque a viabilidade de empresas. Temos assistido a vários cibertaques nos mais diversos sectores de atividade que praticamente paralisam as empresas visadas, mas também toda a sociedade, as relações comerciais, o desenvolvimento de projetos económicos, socias e políticos e até a vida e saúde das pessoas.

**ACÁCIO FERREIRA**
Diretor de Credit and Surety WTW Portugal

**1.** Um dos fatores que está a impulsionar a recuperação económica a que assistimos é o crescimento das exportações. Na economia portuguesa existem já alguns sectores com crescimento de exportações para níveis pré-pandemia. Sendo o seguro de crédito um instrumento importante no apoio e na dinamização das exportações é natural o seu crescimento. Neste período de recuperação e de novas oportunidades, mas com grandes incertezas, o seguro de crédito tem um papel fundamental para as empresas, permitindo-lhes uma política comercial mais agressiva ao mesmo tempo que asseguram a proteção dos seus balanços. O seguro de crédito está a acompanhar fortemente o crescimento das exportações, vivendo um momento de grande capacidade de concessão de garantias e simultaneamente com a oferta de condições económicas muito interessantes.

**2.** A recuperação económica mundial mostra alguns sinais de arrefecimento em consequência de várias ameaças.
As incertezas provocadas pelas novas variantes e picos de contágio e consequentes medidas restritivas à circulação foram um fator de abrandamento, que terá tendência a atenuar-se com o novo entendimento de que estaremos numa situação endémica.
É hoje reconhecido por todos, as dificuldades de aprovisionamento que diversos sectores de atividade têm sentido, com as consequentes dificuldades ao nível da possibilidade de disponibilização de produtos aos seus clientes e dos preços oferecidos. Este é um aspeto que tem claramente influenciado a recuperação das exportações, mas para o qual existe a expectativa que se atenue ao longo do ano. Estas dificuldades ao nível logístico poderão constituir uma oportunidade para alguns sectores económicos nacionais que beneficiam da proximidade aos seus mercados, para aumentarem as exportações.
Em paralelo com as dificuldades verificadas ao nível do "supply chain" e claramente associada a estas, observamos hoje a o recrudescimento da inflação. O aumento dos custos com as matérias-primas e energéticos constitui uma forte pressão sobre as empresas que muitas das vezes não têm capacidade de repercutir esses aumentos sobre o preço praticado aos clientes. Este é um aspeto que agrava de sobremaneira os riscos das empresas e que aconselham vivamente à utilização do seguro de crédito como proteção face à incerteza sobre a capacidade financeira dos clientes para responderem a estas ameaças. Estas dúvidas são acentuadas pela expectável subida das taxas de juro que irão agravar os custos das empresas, o que poderá também colocar em causa a saúde financeira de algumas.
As questões geopolíticas sempre estiveram presentes na economia mundial, sendo que na minha opinião as empresas estão habituadas a gerir nesse ambiente, mostrando grande capacidade de adaptação. Por outro lado, este aspeto poderá constituir uma oportunidade para alguns sectores económicos nacionais, dada a reconhecida fiabilidade e grau de confiança existente sobre a capacidade das nossas empresas em respeitar os seus compromissos.
A questão das alterações climáticas é um ponto a que os exportadores portugueses têm que continuar a conceder particular atenção, dada a exigência cada vez maior nos mercados internacionais de incorporar nos seus produtos e processos preocupações com a sustentabilidade / reciclagem. A sobrevivência nos mercados internacionais dependerá da capacidade de adaptação a esta nova realidade. Esta necessidade obriga por vezes a investimentos significativos com impactos a nível de custos / preços, com consequências ao nível da capacidade financeira. Mais uma vez é realçada a importância da utilização pelas empresas de instrumentos que permitam manter políticas comerciais concorrenciais e simultaneamente protegendo-se de potenciais incobráveis.
Existem ainda outros fatores de incerteza (e de oportunidade) para o comércio internacional, como sejam a mudança do paradigma energético (por exemplo na indústria automóvel) e das alterações ao nível do modelo de distribuição em que se assiste a dificuldades ao nível do retalho tradicional em contrapartida das vendas online.
O seguro de crédito vive um momento bastante positivo com forte capacidade de subscrição e condições económicas baixas, motivado por um período de surpreendente baixa sinistralidade em resultado dos apoios dos Estados à economia introduzidos com a crise do covid-19, mas que pode ser alterado em função de um possível agravamento das condições económicas provocado pelo agudizar de algum dos múltiplos fatores de incerteza existentes.

**3.** Não obstante o número de operadores internacionalmente não ser elevado, este é um mercado de operadores privados e concorrencial. Simultaneamente, sendo as exportações muito sensíveis para a União Europeia verifica-se um controlo pelas instituições europeias a possíveis ingerências a este nível. Na minha opinião, mais importante que alterações ao nível regulatório, é fundamental que os Estados e as instituições europeias tenham capacidade de atuarem rapidamente no apoio ao seguro de crédito, e consequentemente às empresas, na eventualidade de futuras crises.
Sabendo das dificuldades e limitações ao nível de possíveis apoios do Estado às exportações será interessante que as linhas de seguro de crédito com garantia do Estado possam ser alargadas a mais países e com um acesso mais simplificado e célere.

**MARCOS POLÓNIA**
**Diretor Crédito e Caução da MDS Portugal**

**1.** Existe claramente espaço para crescimento, o qual é reforçado pela modesta percentagem de penetração no mercado português do seguro de crédito. O surgimento de cada vez mais produtos direcionados para empresas de pequena dimensão, mas também o contexto de grande incerteza relativamente à evolução dos mercados, tem levado a um crescimento na procura de soluções de seguro de crédito. Outro fator interessante que temos verificado, e que poderá ter um efeito positivo na procura destas soluções, passa pela recuperação por parte do mercado europeu de muitas encomendas ligadas ao setor têxtil que estavam a ser produzidas nos mercados asiáticos, sendo que as empresas portuguesas assumem uma posição de destaque neste movimento. Desta forma, prevemos que 2022 seja um ano em que existirá um crescimento significativo no número de novas apólices de seguro de crédito à exportação, mas também para cobertura de vendas no mercado interno.

**2.** Qualquer um dos constrangimentos referidos poderá afetar positiva ou negativamente o mercado do seguro de crédito, sendo que, no nosso ponto de vista, os aspetos positivos superam claramente quaisquer outros. Contudo, para que os impactos sejam positivos, é necessária a criação e emissão de apólices ajustadas à realidade das empresas e que salvaguardem qualquer eventualidade que possa surgir. Vemos no mercado que nem sempre isso acontece, pois, por vezes, deparamo-nos com apólices totalmente desajustadas e que não salvaguardam nada mais que o mero incumprimento por mora dos clientes, não prevendo qualquer situação atípica do mercado. É aqui que se compreende o importante papel do corretor, o qual tem de ver além daquilo que o mercado permite vislumbrar, colocando às seguradoras constantes desafios que permitam tornar as apólices mais robustas e, assim, garantir que os seus clientes estão verdadeiramente salvaguardados quando um imprevisto surgir.

**3.** Em Portugal operam apenas quatro seguradoras de crédito, pelo que o regulador acaba por ter o seu trabalho facilitado. Existe já um controlo bastante apertado de todas as ações realizadas, quer pelas seguradoras quer pelos principais corretores, que, por norma, dispõem de equipas especializadas nesta área. No entanto, umas das preocupações são as empresas que não têm as valências para estruturar este tipo de produtos em função das necessidades dos clientes e que, assim, colocam em causa todo um sector que tem desempenhado um papel crucial na economia.

PUB

Deseja fazer crescer a sua marca? Comece por um gesto simples. Este carimbo numa fatura vai fazer toda a diferença. Milhões de empresas em todo o mundo compreendem o que significa: que a transação é coberta por um dos seguros de crédito mais utilizados em todo o mundo. Está disponível em muitas idiomas. E também nos dos seus clientes. Por muito distantes que estejam.

www.creditoycaucion.pt 800 281 281

Crédito y Caución
Atradius

**Cobertura de risco de créditos comerciais · Apoio para um crescimento sustentável · Assessoria à internacionalização · Seguros de caução**

**Tempestades,
trovoadas,
correntes contrárias.**

**Utilize este carimbo
para avançar.**

FATURA

FATURA
2034

IDENTIFICAÇÃO DO CLIENTE
564

TERMOS
Pagamento contra en

FATURA PARA
Nome
Nome da empresa
Morada
Cidade, Código Postal
Telepone
Endereço electrónico

| DESCRIÇÃO | ÇO UNITÁ | PREÇO UNITÁRIO | MONTANTE |
|---|---|---|---|
| Honorarios por serviços | 100 | 159,00 | 15.900,00 |
| Mão de obra: 5 horas a 75€/hr. | 5 | 75,00 | 375,00 |
| Desconto para novos clientes | | (750,00) | (750,00) |

Operação segurada na
Crédito y Caución
Sucursal em Portugal

Gratos por negociar connosco

| | |
|---|---|
| TOTAL BRUTO | 15.525 |
| TAXA DE IMPOSTO | |
| IMPOSTO | 3.26 |
| **TOTAL A PAGAR** | 18.785 |

e tem alguna dúvida sobre esta fatura, entre em contato connosco a través do formulario abaixo
(Nome, Telefone, correio@endereço.com)

Atradius Crédito y Caucion S. A. de Seguros y Reaseguros (Sucursal em Portugal). NIPC 980149959 - C.R.C. Lisboa nº 6653. C. Social: 18.030.000 Euros. "Não dispensa a consulta da informação pré-contratual e contratual legalmente exigida".

**DIOGO TEIXEIRA**
**Credit Solutions Manager da Aon Portugal**

**1.** Os níveis mais baixos de insolvência das empresas refletem os diferentes níveis e tipos de apoio prestado às empresas pelos governos na maioria das economias avançadas durante o período pandémico de 2020/21, o que teve o efeito de apoiar setores comerciais mais fracos e compradores que de outra forma poderiam não ter sobrevivido à recessão económica. Com a recuperação económica agora em curso, a redução deste apoio e o recomeço dos procedimentos formais de insolvência das empresas irão provocar um regresso ao ciclo comercial mais normal, que irá acontecer nos países e setores comerciais a velocidades e tempos diferentes.
Como resultado do ambiente económico artificial criado ao longo dos últimos 18 meses, as seguradoras de crédito têm registado níveis de perdas extremamente baixos. Os relatórios financeiros das seguradoras no final do 3º trimestre de 2021 reportaram os rácios de perdas e combinados a nível do Grupo que continuaram a um nível historicamente baixo e, na ausência de grandes incidentes de perdas significativas ou de sinistros de alta frequência, estes rácios de perdas estão cerca de 50% abaixo dos níveis previstos de outra forma.
Embora se espere uma futura "normalização" dos rácios de perdas, uma vez que as insolvências regressam inevitavelmente, o impacto e o calendário destes também permanecem tão incertos que é pouco provável que tenha impacto nos resultados das seguradoras ainda no decorrer de 2022.
Embora estas condições de subscrição mais favoráveis existam, as seguradoras de crédito continuam a adotar uma posição muito mais pragmática tanto sobre o seu risco, como sobre as suas estratégias comerciais, procurando simultaneamente níveis elevados de retenção de clientes e de crescimento rentável. Isto também é contrabalançado pelo reconhecimento de que o ambiente de preços precisa de corresponder melhor aos riscos crescentes à medida que a dinâmica na recuperação económica desacelera e surgem insolvências à medida que ocorre a "normalização". Nesta medida podemos aferir que o seguro de crédito tem todos os "ingredientes" necessários para crescer. O seguro de crédito, para além de ser uma excelente ferramenta de mitigação do risco incobrabilidade, permite transferir esse risco e ao mesmo tempo gerir da melhor forma a política de crédito das empresas. Podendo em simultâneo recorrer a linhas de crédito com condições muito mais vantajosas.

**2.** Todos estes constrangimentos referidos terão impacto no seguro de crédito. Espera-se que a dissolução de vários esquemas de apoio governamental disponíveis em toda a EMEA, juntamente com o aumento dos custos de energia e transporte, a interrupção da cadeia de abastecimento e a escassez de mão-de-obra, atinjam os setores agrícola, alimentar e de bebidas, juntamente com os setores do cimento, químico e do papel e pasta de papel. Embora estas questões possam ser relativamente a curto prazo, as empresas poderão ser incapazes de responder rapidamente para repercutir sobre os custos acrescidos, acrescentando mais pressão sobre as margens de lucro já apertadas e drenando o fluxo de caixa das empresas que se esforçam por recuperar no novo ambiente empresarial.
Consequentemente, o desempenho financeiro e o fluxo de caixa das empresas continuarão a ser escrutinados de perto pelas seguradoras.
É razoável esperar que, dado o acima exposto, um regresso aos níveis de sinistros de 2019 até ao final de 2022 seja realista, embora alguns picos possam surgir inicialmente em todas as regiões, e embora o calendário varie de acordo com a rapidez da recuperação em cada país. Os níveis de sinistros de 2019 aumentaram ligeiramente, em comparação com 2018, mas não refletiram os picos testemunhados após a crise de crédito de 2008-2009.
É razoável esperar que esses picos sejam maiores nos membros da OCDE, devido à regulamentação estatutária madura e aos sistemas financeiros/capitalistas em vigor.
Embora os rácios de perdas das seguradoras sejam atualmente muito melhores do que o normal e os seus registos de sinistros muito mais silenciosos do que o esperado, isto significa que é provável que os sinistros individuais sejam objeto de um escrutínio muito mais atento.
Consequentemente, é uma oportunidade importante para as empresas portuguesas assegurarem que os seus sistemas de gestão de risco, administrativos, educativos e de informação de gestão são adequados ao fim a que se destinam.

**3.** Vivemos num mercado concorrencial e regulado. A regulação traz uma maior transparência ao mercado e por si só faz com que todos os "Stakeholderes" se sintam mais protegidos e seguros. Desde que o mercado cumpra com as exigências do regulador e os critérios de solvência são cumpridos não sinto que haja necessidade para uma maior regulação.

**JOSÉ MONTEIRO**
**Country manager na Coface Portugal**

**1.** Cada vez mais o seguro de crédito se impõe como uma necessidade estratégica para as empresas, seja o seu foco o mercado doméstico, o mercado à exportação ou ambos. O atual contexto representa uma incógnita para a qual as empresas devem estar preparadas. Vivemos num momento de incertezas, pois, sabemos que se adivinham grandes mudanças, relacionadas com alterações políticas e económicas, os novos acordos comerciais estabelecidos entre as grandes potencias mundiais e as exigências das novas políticas climáticas, mas desconhecemos quando acontecerá e qual o verdadeiro impacto para as economias. Estas são realidades sobre as quais temos de estar conscientes e acima de tudo atentos, por forma a atuarmos rapidamente, mitigando ao máximo os riscos que possam representar para a atividade dos nossos clientes e consequentemente para as Seguradoras. Especificamente, no seguro de crédito, neste momento de grande incerteza económica, é necessário sermos muito analíticos na análise de risco e realizarmos uma monitorização constante da evolução dos mesmos. Hoje em dia, mais do que nunca, as empresas devem agir com prudência, na gestão dos seus riscos comercias, servindo-se dos recursos e ferramentas existentes, nomeadamente o seguro de crédito, porque vai permitir que as empresas efetuem as suas transações com conhecimento aprofundado dos seus parceiros comerciais e, consequentemente, com maior segurança. Para além disso, recordamos também que o estado português prorrogou até 31 de março de 2022 a linha de apoio ao crédito comercial com garantia do Estado, inicialmente denominada "Facilidade De Curto Prazo da OCDE 2020" e posteriormente "Exportação Segura 2021", que permite às empresas beneficiarem de cobertura em operações de exportação para clientes nos mercados identificados na Lista de Risco País da OCDE, nos casos em que a seguradora tenha concedido cobertura insuficiente no âmbito da sua apólice de Seguro de Crédito, e que, no momento da concessão da cobertura do Estado, não sejam objeto de sanções internacionais.

**2.** Atualmente deparamo-nos com um autêntico cocktail de constrangimentos que afetarão o risco país e o ambiente económico das empresas mundialmente. A nível global, a pandemia de Covid-19 provocou a maior recessão desde a II Guerra Mundial. Assim, em contraste com a crise do mercado financeiro de 2009, todos os países do mundo foram afetados pela atual recessão, e por isso, todos estiveram (mais ou menos) em fase de recuperação desde 2021. Isto significa que a procura global está num nível histórico elevado - mas a oferta de bens não pode ser aumentada tão

rapidamente devido a constrangimentos de várias naturezas: as contínuas restrições de circulação, a falta de mão-de-obra, a escassez de matérias primas, a somar aos problemas relativos aos transportes e à China, uma vez que o governo chinês impõe bloqueios a cidades inteiras com milhões de habitantes, incluindo os seus portos. Isto cria um congestionamento de navios porta-contentores, que depois continua globalmente de porto em porto, o que torna difícil o descarregamento da carga.
Paralelamente, o aumento das tensões sociais na Europa e na América do Norte, principalmente devido às medidas transfronteiriças atualmente em vigor podem ter, a curto prazo, um impacto fortíssimo no equilíbrio económico internacional, bem como alguma instabilidade política. Por exemplo, A atual insurreição dos camionistas em Ottawa, no Canadá, poderá galvanizar ações semelhantes noutras capitais Europeias, principalmente em França e na Alemanha, cujas consequências políticas e sociais são neste momento uma incógnita.
Relativamente à inflação, o Banco Central Europeu está muito preocupado com as taxas de inflação: se os preços ao consumidor permanecerem mais elevados durante mais tempo, os acordos salariais poderão ser particularmente afectados, iniciando assim uma espiral de preços ascendente permanente. O BCE seria então forçado a implementar uma política monetária menos expansionista, reduzindo a compra de obrigações. No entanto, levará provavelmente muito tempo a encontrar uma maioria para esta decisão. É mais provável que o BCE não dê tanta relevância à inflação durante o maior período de tempo possível, a fim de reforçar as finanças públicas de muitos países da zona euro com as suas políticas.

**3.** A regulamentação do sector está bem balizada e qualquer decisão ou reforço da mesma, será naturalmente seguida pelos operadores. Aproveito a oportunidade para um abordar tema muito importante, que é o das fraudes por usurpação de identidade, dado ser muito importante sensibilizar as empresas para o aumento exponencial de fraudes empresariais que se repercutem em sinistros que não são indemnizáveis e que poderiam ser evitados, caso existisse uma maior vigilância das empresas face ao modus operandi das fraudes mais comuns. Neste sentido, a Coface tem vindo a executar um programa de sensibilização junto de todos os nossos segurados e do mercado em geral, com explicações sobre o funcionamento destas burlas empresariais e o seu impacto para os negócios, através de pequenos vídeos partilhados nas redes sociais ou de recomendações publicadas no nosso sítio web.

Istock

**MARIA CELESTE HAGATONG,**
**Presidente do conselho de administração da Cosec**

**1.** Depois de um ano marcado por um conjunto de fatores com influência menos positiva na atividade de seguro de créditos – e em que o mercado em Portugal contraiu cerca de 7% –, acreditamos que 2022 registará uma evolução positiva, no contexto do crescimento das economias para níveis de pré-pandemia. As perspetivas atuais apontam nesse sentido. De acordo com a Euler Hermes, um dos acionistas da COSEC, a economia portuguesa deverá crescer 5,1% em 2022, um ponto percentual acima do desempenho estimado para a média da Zona Euro. Espera-se também uma normalização das trocas comerciais, estimando-se que o comércio global cresça 5,4% este ano e 4% em 2023. A atividade do nosso setor deverá, assim, ser impulsionada pelas necessidades das empresas de segurarem o crescimento das suas vendas, quer no mercado interno, quer no mercado externo.
Para evidenciar esta realidade, gostaria de referir que, em 2021, a COSEC assumiu um maior apetite de risco de crédito e iniciou um crescimento gradual e contínuo da cobertura de vendas dos clientes, com vista a apoiá-los no crescimento seguro dos seus negócios. De facto, já em finais de 2021 foram atingidos máximos históricos de cobertura de riscos pela companhia, mesmo acima dos que se verificavam antes da pandemia. Assim, a dinâmica da COSEC tem vindo a acompanhar os esforços de retoma das empresas.

**2.** Têm sido evidentes sinais de que os estrangulamentos de oferta começam a impactar os preços ao consumidor e a atividade económica nacional, com destaque para a indústria transformadora. A insuficiência de matérias-primas e/ou equipamento na indústria, que nos anos passados era um obstáculo pouco referido, é agora um dos principais obstáculos à produção. A falta de matérias-primas, as dificuldades logísticas e o encarecimento da energia refletem-se no agravamento dos preços da produção industrial, que aceleraram para níveis máximos históricos, refletindo-se paulatinamente no preço de venda do produto final.
A subida generalizada de preços, e consequente impacto no aumento das taxas de juro, afetará de forma negativa a liquidez das empresas, que sentirão a sua tesouraria mais pressionada se não forem capazes de refletir este novo enquadramento nos preços praticados, e poderão começar a ter dificuldades no pagamento dos seus compromissos. Neste contexto de aumento do risco de crédito, coberto pelos nossos produtos, o seguro de créditos é uma solução evidente para acautelar os recebimentos das vendas e mitigar esse aumento de risco. Adicionalmente, a subida de preços reflete-se nos volumes das transações cobertas, na medida em que, para vender quantidades equivalentes a preços mais elevados, os segurados necessitam de limites de crédito maiores. Espera-se, assim, a continuação do crescimento das necessidades dos segurados, que a COSEC está a acompanhar com rigor e critério.

**JOÃO SILVA**
**Responsável pelo Departamento de Riscos de Crédito e Caução da Costa Duarte**

**1.** Considero que há condições para o crescimento do seguro de crédito em 2022. O aumento do volume de prémios está intimamente ligado à faturação das empresas e o previsível acréscimo do volume de negócios decorrente da retoma da atividade económica, terá um grande impacto neste ramo de seguros. No mesmo sentido vai o aumento das garantias atribuídas e consequentemente das bases de tarifação, uma vez que, contrariamente ao que era esperado por todo o mercado, os valores globais de sinistralidade atingiram valores historicamente baixos e, depois de passada a incerteza dos primeiros meses pandemia, os seguradores puseram de lado uma subscrição de riscos mais restritiva para voltaram a conceder garantias para valores pré COVID. Outro fator que poderá contribuir para a contratação de novas apólices por parte de empresas em "auto – seguro", decorre da expetável inversão do número de insolvências. As previsões efetuadas pela Euler Hermes no seu estudo do final do ano de 2021, estima que o índice global de insolvências crescerá cerca de 15% em 2022 contrariando as descidas de menos 12% em 2020 e menos 6% em 2021.

**2.** Tenho por certo que todos os constrangimentos indicados terão um impacto significativo nos seguros de crédito, embora com magnitudes diferentes. O seguro de crédito, ainda que em volume de prémios seja relativamente pequeno quando comparado com outros ramos de seguros, garante um dos ativos de maior importância das empresas, as contas de clientes a receber. Todo e qualquer fator que possa influenciar a capacidade das empresas em honrar os seus pagamentos a fornecedores impactará o seguro de crédito. Vejamos a inflação e subida das taxas de juro, diminuindo as margens e aumentando os custos de produção, criam stress na tesouraria das empresas. Os significativos agravamentos dos custos de energia (o custo do gás natural na europa aumentou 6,4x comparando outubro de 2020 com outubro de 2021, no mesmo sentido o custo da eletricidade aumentou 4,7x no mesmo período) são bem elucidativos dos desafios para as tesourarias.
As quebras nos circuitos de distribuição podem, no limite, levar a que as empresas não consigam cumprir com prazos de produção e entrega de encomendas, com impacto nos seguros de crédito. É necessário que os seguradores de crédito publicitem e adaptem as coberturas de entregas pendentes e do risco de pré expedição aos novos tempos. É importante que os empresários tenham a segurança de poder aceitar uma encomenda com base numa determinada garantia atribuída sabendo que terão tempo suficiente para produzir e entregar a mercadoria sem risco agravado de, a meio do processo de produção (mais lento devido a dificuldades de entrega de matérias primas e diminuição do numero de trabalhadores fruto dos isolamentos por COVID19), verem esta garantia anulada pelo segurador levando-os a uma de duas decisões, parar a produção e assumir as perdas ou continuar com o processo de venda e assumirem o risco por si próprios.

**3.** Creio que um aumento da regulamentação poderá ou não ser necessária mas a sensação que tenho é de que seria importante que o regulador conhecesse melhor a realidade concreta dos seguros de crédito e qual o seu impacto na economia nacional. Creio que será importante o reforço com pessoas familiarizadas com este ramo de seguros.

**PAULO MORAIS**
**Diretor regional Portugal e Brasil Crédito y Caución**

**1.** Em 2022 irá produzir-se uma recuperação do PIB em todo o mundo, não isenta de incertezas. As empresas exportadoras portuguesas vão viver um aumento das suas receitas, mas enfrentarão também um incremento do risco de crédito em muitos dos seus clientes internacionais que será mais evidente com a progressiva retirada das medidas de estímulo. Nesse sentido, já estamos a observar um aumento das insolvências em muitos mercados nos quais operamos. A subida dos preços da energia, do gás e do petróleo e o aumento da inflação, que se previam temporários, unidos às tensões geopolíticas representarão novos desafios para o comércio internacional. Neste contexto, o seguro de crédito é mais necessário do que nunca como ferramenta de proteção, mas também para ajudar as empresas portuguesas a reagir rapidamente quando se torne necessário reorientar as suas exportações. O seguro de crédito é uma ferramenta de apoio à boa gestão de risco e à tesouraria que pode e deve ser utilizada para proteger a solvência das empresas e apoiar no desenvolvimento de novos mercados, novos parceiros e novos projetos, em especial quando a situação económica é mais incerta.

**2.** Todos eles são condicionantes que ocupam e preocupam as seguradoras de crédito. O seguro de crédito desempenha um papel essencial na economia: trazer a confiança necessária para dar fluidez ao comércio. O nosso papel é analisar o risco de crédito de milhões de empresas em todo o mundo para conceder cobertura às linhas de crédito comercial que os nossos segurados queiram abrir. Todos estes condicionantes afetam, de um ou de outro modo, esse risco de crédito. A elevada inflação que as empresas não podem transpor de forma direta, reduziu muitas margens comerciais; o previsível aumento das taxas de juro irá gerar um aumento dos custos financeiros de milhões de empresas; a rotura dos circuitos de distribuição está a afetar a capacidade de produção em determinados setores; as alterações climáticas representam já um problema real em termos de risco de crédito empresarial em determinadas regiões da África e da Ásia e as tensões geoestratégicas que sofrem alguns mercados acrescentam um extra de incerteza ao risco de crédito do seu tecido empresarial. O nosso papel, mais além destas grandes tendências, é sermos capazes de estimar os seus impactos em cada uma das empresas com as quais os nossos segurados querem fazer negócios.

PUB

COSEC - EULER HERMES

cosec.pt

# WORLD PROGRAM

## seguro de créditos global com gestão local

A COSEC, seguradora líder* em Portugal em seguro de créditos, reforça a sua oferta com o World Program, um seguro de créditos dirigido a grandes empresas com presença em dois ou mais países, disponibilizado numa parceria com a Euler Hermes.

- Cobertura multinacional
- Proteção face a riscos comerciais e políticos
- Apoio local nas diferentes geografias
- Multidivisas

EULER HERMES
A company of Allianz

COSEC

*Fonte: Associação Portuguesa de Seguradores, 2021

**COSEC** - Companhia de Seguro de Créditos, S.A. sociedade anónima de seguros, com sede em Avenida da Liberdade, 249, 6º piso, 1250-143 Lisboa, autorizada pela Autoridade de Supervisão de Seguros e Fundos de Pensões (ASF) a exercer atividade nos Ramos Não Vida - Crédito e Caução. Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob número único da matrícula e de identificação fiscal n.º 500726000, com o capital social de € 7.500.000. **Não dispensa a consulta da informação prê-contratual e contratual legalmente exigida.**